



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O LEITOR EM CENA: HISTÓRIA E ESTÉTICA NA RECEPÇÃO DO  
ROMANCE *BAR DON JUAN (1971)* DE ANTÔNIO CALLADO**

Claudia Helena da Cruz\*

(...) viajante e historiador mantém uma distância, no tempo e no espaço, com o seu tema de observação e análise, que corre por fora da sua experiência de vida, mas o qual enfrentam trazendo a sua bagagem ou capital próprio, que lhe permite a leitura deste outro que se oferece como campo narrativo.

**Sandra Pesavento**

Partindo dessa analogia, este estudo busca a historicidade da recepção de *Bar Don Juan* (1971) de Antônio Callado, trazendo para cena diferentes leitores de diferentes momentos históricos, ao mesmo tempo atualizando historicamente o debate e o lugar em que está sendo construído. Nesse intuito, saber como esta produção refletiu sobre a leitura do romance é uma indagação que permite trazer o leitor para o diálogo, aliás, seu lugar de merecimento.

Pensar a recepção, ou seja, a obra em diálogo com o público leitor, também implica problematizar o papel crítica, que em primeiro momento atribuiu juízo de valor e inseriu *Bar Don Juan* em um debate político-ideológico. Trilhando esse caminho, Ramos

---

\* Cláudia Helena da Cruz, doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia e Profª. da Faculdade Politécnica de Uberlândia.

(2002, p. 53) alerta o quanto a como, em seu ofício, utilizar o texto crítico como documento: “o texto crítico pode ser visto pelo historiador como uma forma de documento. Porém, o que o pesquisador não pode deixar de observar é a sua especificidade”.

Contudo, o grande desafio na composição desse olhar histórico, é reunir várias décadas de produção sobre a obra de Callado, pois a recepção é dinâmica e contínua e sempre que houver leitores a obra continuará o seu debate/embate. Como afirma Zilberman (2008, p. 8): “a Estética da Recepção assume a perspectiva do leitor, portanto, conforme sua denominação sugere, ao considerar que é ele quem garante a historicidade das obras literárias. Em decorrência do fato de o leitor não deixar de consumir criações artísticas de outros períodos, essas se atualizam permanentemente”.

Esta atualização também se da no movimento de perguntas e respostas e a partir dos níveis de mediação estabelecidos pelo historiador em relação ao documento, bem como o diálogo que estabelece com a fortuna crítica.

### **BAR DON JUAN E A ESQUERDA FESTIVA**

A trama de *Bar Don Juan* aponta para as tentativas fracassadas de se fazer uma revolução marcada pela ausência do povo, que está preso ao “conformismo”, intimidado com a repressão e com a falta de informação. Sobre o enredo de *Bar Don Juan*, o crítico Malcon Silverman disse:

Bar Don Juan retoma o tema revolucionário, tratando-o não como proposta séria aos males do Brasil, mas, como em Quarup, de modo satírico, como fútil e até ridículo desperdício de energia. [...] A sua anárquica galeria de participantes está espiritualmente unida pela causa e, na dimensão física, pela atração dipsomaníaca por certo bar do Rio (o Bar Don Juan). À semelhança do Nando de Quarup, cada um dos seis personagens centrais luta contra os seus próprios problemas, enquanto se empenha em derrubar o governo. Os incidentes da ação são tão atuais quanto a novela (1971), e representam frequentemente relatos romanceados de fatos reais: cenas de tortura, atentados, assaltos a bancos, pirataria aérea e inclusive os últimos dias de Che Guevara. (SILVERMAN, 1982, p. 22)

Portanto, *Bar Don Juan* aos intelectuais de esquerda e ao fato da realidade revolucionária que possuíam ser apenas da teoria e não da prática. Isto fica evidente na escolha de um “bar” para seus personagens ficcionais discutirem sobre política e

revolução, denunciando assim, certa desorganização e inexperiência da chamada “esquerda festiva”.

No plano histórico, o termo “esquerda festiva” foi descrito por Zuenir Ventura (1968) em *1968: o ano que não terminou* como uma expressão inventada pelo colunista Carlos Leonam em 1963, após o ministro San Thiago Dantas dizer que havia duas esquerdas no Brasil: “a esquerda positiva e a esquerda negativa”. Leonam, um atento cronista do comportamento carioca lançou a ideia: “tem outra esquerda, é a esquerda festiva”. A descoberta foi publicada no *Jornal do Brasil*, surgindo assim, uma expressão que teria presença assegurada no léxico e no espectro ideológico da política nacional. “A esquerda festiva começou mesmo a ser realidade depois de 64”, acredita o poeta Ferreira Gullar, um membro assumido do grupo. “A esquerda recorreu então à festa como uma forma de se manter, de ir adiante, de não morrer, de resistir”.

Esta “esquerda festiva” é representada pelos intelectuais que se reúnem no *Bar Don Juan* para beberem, fumarem e discutirem sobre a sufocante situação da vida nacional, pós-Golpe Militar. Esse grupo formado por artistas e boêmios tem em comum o compromisso com o ideal de libertação, que só poderia acontecer com a luta armada. Mas, a vanguarda intelectual não estava preparada para pegar em armas. Dentre os personagens, destaca-se o líder João (escritor e professor), sempre acompanhado de sua mulher Laurinha, a única que tem uma visão crítica da situação:

Antigamente, quando algum companheiro balançava a cabeça, dizendo que o Governo Militar era cada vez mais forte e a resistência cada vez mais desmembrada, que as perspectivas revolucionárias eram negras, João, com seu amor pela poesia espanhola, dizia: Aunque sea de noche, e ela concordava, fervorosa, mas agora chega, chega. [...] (CALLADO, BJ, 1971, p. 49)

Os demais personagens centrais da trama são: Mansinho (jornalista), Murta (cineasta do Cinema Novo), Gil (escritor de sucesso) e Geraldino (ex-padre). Mansinho organiza e executa os assaltos a bancos para conseguirem fundos e iniciarem a guerrilha em Corumbá. O único personagem histórico que surge no enredo é “Che Guevara”, João chega a encontrar-se com ele sob o nome falso de Adolfo Mena. Contudo, o movimento de guerrilha que organizavam apontava para o fracasso desde o início, era a ação de um grupo isolado, sem preparação. O único que sabia utilizar uma arma era Aniceto, um homem simples, “jagunço” que trabalhava como “leão de chácara” no *Bar Don Juan*.

Outros personagens, já cansados de esperar pela revolução, foram cuidar de suas vidas, como Joelmir, que ficou meses em Mato Grosso esperando por notícias, e desistiu:

- Durante quatorze meses estive sem notícia de lugar nenhum, nem de Montevidéu, nem de São de Paulo, nem de vocês no Rio. Nada, nada. [...]

- Caíram os guerrilheiros na Serra de Caparaó, João, caíram de armas na mão, caíram apodrecidos de esperar, como eu esperava. (CALLADO, BJ, 1971, p. 100)

Quando o grupo finalmente consegue chegar a Corumbá, em vez de iniciarem a resistência armada, sofrem um esfacelamento. João, diante das poucas perspectivas que lhes sobraram, quer se unir ao que resta do grupo de Che Guevara. Mas os acontecimentos encaminham-se para um fim trágico, Mansinho fracassa no assalto ao banco e acaba morto pela polícia. Murta foge e termina entregando o esconderijo dos companheiros. João e Geraldino morrem também. O grande herói, Che Guevara, é capturado e morto.

Assim, o movimento de resistência, cheio de boas intenções fracassou por falta de organização e o que restou do grupo passou a refletir sobre o fracasso. No final do romance ressurgem Laurinha, que decide voltar a combater a ditadura. Junto com Mariana e Aniceto sequestram um avião e fogem para Cuba. O fim da narrativa aponta para rearticulação da luta, depois que aprenderam com os erros.

Nas entrevistas concedidas por Antônio Callado e nos estudos já realizados na academia sobre suas obras ficcionais, nota-se a insistência de seus interlocutores em relação à “ausência do povo” em *Bar Don Juan*. Nesse sentido, Callado afirmava:

É, como eu disse, historicamente, o povo está ausente. Na medida em que a gente vai progredindo na investigação ficcional do país, realmente vai sentindo isso mais agudamente. Não é que eu tenha chegado a essa conclusão e feito o livro a partir daí. (CALLADO, A. Entrevistas com Antônio Callado, p. 243)

Sobre a fragmentação da narrativa em *Bar Don Juan* e *Reflexos do Baile*, romances da década de 1970, Callado relacionou tal característica à “perda das ilusões” dos anos de 1960:

É uma maneira diferente de você ver as coisas. Há uma diferença entre a confiança que você tem na sua capacidade de organizar o mundo na sua cabeça, pelo menos, de forma compreensível, e o momento que você começa a viver uma sucessão de acontecimentos, nos quais passam a faltar, de sua parte, uma esperança de organizá-los e deles próprios uma falta de coesão, uma falta de sentido, que eu não acho só do Brasil,

não, mas no Brasil aparece mais. (CALLADO, A. Entrevistas com Antônio Callado, p. 243)

Nessa perspectiva, as obras de Callado que sucederam o Golpe Militar, de 1964 até a abertura política em 1985, tornaram-se, como bem expressou Davi Arrigucci Jr, “um corpo a corpo cerrado com os pólos do fato e da ficção”. O itinerário político dessas obras é marcado pelos acontecimentos históricos que se internalizam na ficção. Ao lado disso, é possível detectar em suas reportagens a inspiração na criação de alguns de seus personagens e até mesmo as experiências políticas nacionais, como desencanto com a revolução, o papel da mulher na luta armada no Brasil, a oposição da classe média, os assaltos a banco, os focos guerrilheiros e a intensificação da violência, da tortura e da repressão. Violência e repressão são demonstradas em *Bar Don Juan* no momento em que os personagens João e Laurinha são torturados:

Não havia, como das outras vezes, a cerimônia da identificação, com as impressões digitais, as perguntas. Tiravam-lhe a roupa, despiam Laurinha também, e quando lhe deram o primeiro choque elétrico na glande e no anus João só pensava no que estaria Laurinha pensando. (CALLADO, A. BJ, 1971, p. 5)

O personagem João que já havia sido preso duas vezes anteriormente confessa ter sentido “a alegria de ser posto à prova”. Contudo, em sua última prisão ele chama atenção para a intensificação da violência e das práticas de torturas que também atingem Laurinha ao ser estuprada por seu algoz Salvador, enquanto o seu marido João assistia a cena meio inconsciente: “já muito abatido e meio abobado ele não retivera as feições do policial que ao soltar Laurinha do pau-de-arara a possuía no chão”. O acontecimento levou João a refletir sobre a ligação entre torturador e torturado que ao mesmo tempo é “totalmente violenta e totalmente impessoal”, mas no caso de Laurinha, João conclui que o policial “tinha ido além das suas ordens. Passado para o pessoal”.

Outro aspecto importante da narrativa de *Bar Don Juan* é o mergulho no universo do torturador. Após o episódio do estupro João fica obcecado por vingança e começa a seguir o carrasco de Laurinha. O torturador já não é mais aquele sem nome e sem rosto, é Salvador, um homem que sai do trabalho, toma um trago de cachaça, utiliza ônibus como meio de transporte e possui uma família:

Antes de Salvador fechar a porta atrás de si João ouviu uma animada voz de menino, que dizia estridente alguma coisa sobre uma bicicleta e um sanhaço, e uma voz de mulher. [...] Até um carro a pouca velocidade

um homem com a pontaria de Aniceto podia fácil e limmente fazer o serviço. Só que tinha que ser hoje, agora, antes que o monstro que tortura mulheres e se cevava nelas ficasse de todo incompreensível. (CALLADO, A. BJ, Op. cit., p. 10)

O “intelectual” João concretiza sua vingança e Salvador é assassinado. Todavia, quem o elimina e vinga os abusos da tortura é Aniceto, o único do grupo que era de origem humilde e sabia utilizar bem uma arma.

Diante dos temas suscitados pela trama de *Bar Don Juan* percebe-se que na composição de seus personagens, Callado realiza o diálogo com seu tempo e ao mesmo tempo critica a geração de intelectuais a que pertencia.

### **CONFISCADO PELA DITATURA MILITAR E CRITICADO PELA ESQUERDA: O LEITOR EM CENA**

Exemplares do romance *Bar Don Juan* foram apreendidos pelo governo militar em 1972 sob alegação de ser subversivo e ofender “a moral e os bons costumes”, Antônio Callado recorreu e ganhou o direito de publicar novas edições, o ocorrido foi noticiado em alguns jornais como o Estado de São Paulo (1972, p7): “há vários meses, a segunda edição romance *Bar Don Juan* de Antonio Callado, foi apreendida pela polícia federal do Rio, sob alegação de que a obra continha ‘propósito subversivo’”.

A mesma obra considerada subversiva pela Ditadura Militar, também foi alvo de severas críticas dos intelectuais e militantes de esquerda. A esse respeito, Callado mencionou em entrevista a Folha de São Paulo (09/10/1976) “Em ‘*Bar Don Juan*’. – realmente eu andei levando porrada por aí, exatamente porque eu estava tratando aquilo de uma maneira...”

Dentre esses leitores/críticos está Hélio Pólvora (1971, p.54) ao fazer a crítica ao romance questiona seu engajamento e intenção política: “Romance político? Não creio. A ficção que leva este rótulo guarda zelosamente um compromisso básico com os fatos – ou melhor, com a versão ideológica dos fatos – que informam o universo intelectual do autor”. Mesmo reconhecendo que o romance aborda uma nova temática brasileira, em consonância com as mudanças ocorridas a partir de 1964. Hélio Pólvora explicita sua divergência, a forma como Antônio Callado “fere os temas” tão caros para esquerda brasileira, como a subversão. Ao mesmo tempo em que traz para cena, a

aspectos dos bastidores da clandestinidade: “Callado tocou num dos aspectos, os bastidores da clandestinidade, que compõem, no cenário atual, o especialíssimo drama latino-americano feridos pelos desejos de dignidade humana e legitimidade representativa.”

Outro crítico mais contundente em seu posicionamento, foi André de Figueiredo na matéria intitulada *A ficção brasileira em 1971* para o jornal O Globo, na qual faz um balanço das obras publicadas no referido ano e inicia dizendo que *Bar Don Juan* foi a obra que menos lhe agradou por ser “literalmente monocórdio”, além de não dar “validade” e “credibilidade” ao que narra. Finaliza dizendo que: “não há um momento da narrativa que vá além de um amontoado de palavras que não se juntam, não se colam”. Assim, o romance é apresentado como uma obra que não se sustenta do ponto de vista estilístico e também dos fatos.

*A esquerda festiva* foi à crítica de Wilson Martins publicada no Estado de São Paulo na ocasião do lançamento do romance. Inicia dizendo que “é um excelente romance, mas não é um grande romance”, observa também que enquanto *Quarup* (1967) é o romance da Revolução, “*Bar Don Juan* é ao contrário o malôgro da Revolução”. Exemplifica através dos personagens da trama o plano ficcional e histórico, chamando atenção, também de forma irônica, o descontentamento que o romance causou entre “esquerdistas”:

Juntar-se a esse grupo de esquerdistas verdadeiramente “internacionais”, se não cosmopolitas (que é a melhor forma de ser internacional), eis uma das opções que se oferece a Gil; e, embora essa passagem do romance pareça ter causado mal-estar entre outros esquerdistas não menos “internacionais” (pelo menos em espírito). (MARTINS, 1971, p. 4)

Por fim, conclui que o romance é uma visão sarcástica e melancólica da esquerda festiva e que também exprime as frustrações pessoais do autor Antonio Callado, inclusive as frustrações sexuais, assim como a descrença no “processo revolucionário”.

Para além da crítica realizada na ocasião de seu lançamento, *Bar Don Juan* inaugura o que foi chamado pela crítica acadêmica de “desmontagem do projeto de *Quarup*”, romance publicado em 1967 e consagrado como o “romance da Revolução”, após *Bar Don Juan*, outros dois romances compõem o conjunto desta narrativa engajada: *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempreviva* (1981), obras em que se observa a amargura, o desencanto, a desilusão e sua opção pela narrativa fragmentada, por vezes mencionada

pela crítica acadêmica e pelos estudos, como, por exemplo, por Davi Arrigucci Júnior e Lígia Chiappini, que discutiram essa mudança estilística.

Lígia Chiappini observa: “(...) esse movimento da unidade à fragmentação se encontra no interior da própria ficção de Callado, de Quarup aos romances de 70 e 80”. (grifo nosso). E ainda acrescenta: “uma análise que se queira mais abrangente e compreensiva tem de trabalhar com essa ambiguidade curiosa que se manifesta em Quarup e continua cada vez mais presente nos romances posteriores de Callado: a tensão entre a linearidade e a fragmentação” (LEITE, 1983: 232 e 149).

Mesmo concebendo que as mudanças no processo criativo de Callado estejam em consonância com as transformações político-sociais do Brasil, num período em que a arte era um instrumento de denúncia e combate às estruturas, torna-se relevante salientar que não basta comparar a realidade objetiva com a obra ficcional em busca de um entendimento, como alerta Antônio Cândido, há certos critérios a serem observados: “achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”. (SOUSA, 2000: 13).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio direcionou o olhar histórico, ou seja, enfrentou *Bar Don Juan* como documento, como fonte de uma pesquisa, buscando na literatura representações de um período específico – os tempos da Ditadura Militar –, buscando também o que Jauss chamou de relação dialógica entre a obra e o leitor, pois “a obra de arte desafia não apenas preconceitos e a ideologia dominante, mas o código de conduta, as normas linguísticas, as formas de expressão que o leitor emprega. Uma obra que se deseje marcante precisa suplantar limites, incluindo-se aí os parâmetros por meio dos quais o leitor rege sua vida.” (JAUSS, 1975 *apud* ZILBERMAN, 2008, p. 10) Portanto, as respostas não estão prontas para serem absorvidas pelo historiador, é preciso saber questionar e ouvir do objeto de estudo para entender os caminhos percorridos no mundo ficcional, mas sabendo que esses foram imbuídos da intenção, como afirmou Antônio Callado, de fazer “o Brasil de seu tempo”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Alcmemo. O aprendizado de Brasil na ficção política de Antonio Callado. In: ARAGÃO, Maria L. P. de ; MEIHY, José Carlos S. B.(Coord.). **América, ficção e utopias**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994. p.487-500.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Achados e Perdidos**. São Paulo: Polis, 1979.
- COELHO, J. M. Em nome da consciência. **Veja**. 14 de Julho de 1976.
- FIGUEIREDO, André. A ficção brasileira em 1971. **O Globo**. 1971.
- HOLANDA, H. B. Antônio Callado, Profissão Escritor. **Folha de São Paulo**. São Paulo, s/d. Caderno B.
- JORNAL DO BRASIL. Antônio Callado: um trovão permanente. 20/10/1968.
- KONDER. L. A Rebelião, os Intelectuais e a Juventude. **Revista Civilização Brasileira**. n. 15, ano III, set. 1967, pp. 135-145.
- CHIAPPINI, Ligia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado. In: **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Bertold (orgs) **Brasil, País do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.
- LEITE, P. M. Xingu de Ipanema. **Veja**, 23 de junho de 1982.
- MARTINS, Wilson. “A Esquerda Festiva”. **Estado de São Paulo**. 1971.
- O GLOBO. Juíza entende que. o “Bar Don Juan” não ofende bons costumes. 10/02/1972, p.11.
- PÓLVORA, Hélio. “Bar Dom Juan”. **Jornal do Brasil**, 1971.
- RAMOS, Alcides Feire. **Canibalismo dos Fracos**. Bauru, SP: EDUSC. 2002.
- \_\_\_\_\_. Terra em Transe (1967, Glauber Rocha): estética da recepção e novas perspectivas de interpretação. **Fenix Revista de História e Estudos Culturais**. v. 3, ano III, n. 2, abril/maio/junho de 2006. p. 2-11. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em: 17/08/2012.
- SILVERMAN, M. A Ficção em Prosa de Antônio Callado. In: **Moderna Ficção Brasileira**: ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- SOUZA, A C. M. Os brasileiros e a literatura latino-americana. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.1, v. 1, p. 58-68, Dez. 1981.

VENTURA, Z. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 47.

ZILBERMAN, R. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Estudos Neolatinos**. V. 10, n. 1, Rio de Janeiro, jan/jun. 2008.

